

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo, Editora Schwarcz, 1990.

Orlando M. Ferreira *

A literatura em suas amplas relações com as ciências humanas possui variadas faces enquanto objeto de pesquisa. O olhar que as diferentes áreas das humanidades dirigem a ela se diferencia de acordo com os interesses específicos de cada disciplina.

Ian Watt¹ tem por mérito nesta obra² sua capacidade em dirigir um estudo atentando para o valor literário dos romances de Defoe, Richardson e Fielding, para isso se utilizando de análises da História Social³ e das Idéias, da época na qual os romances foram escritos (séc. XVIII) e das vertentes filosóficas que passam a orientar e a refletir um novo posicionamento do homem frente ao mundo e à sociedade na qual vivia.

O principal fato ao qual o autor se refere – e que passará a orientar toda a obra – é o advento do que ele denomina de "o individualismo moderno"⁴ ou "individualismo puritano"⁵, no seio da "classe média" londrina⁶ durante o século XVIII. Neste sentido Watt é profundamente influenciado pelas idéias de Max Weber.

Para conceituar a nova forma literária o autor dirige-se a um estudo das idéias filosóficas que surgiram a partir do século XVII, principalmente os desdobramentos da filosofia cartesiana em Locke, Hume e Hobbes. Segundo Watt tais idéias se identificam na criação do que denomina "realismo filosófico"⁷, cujo reflexo na literatura viria a constituir o "realismo formal"⁸: a própria "forma romance"⁹.

* Departamento de História/USP.

1 Ian Watt: nascido em 1917, é professor da Universidade de Stanford desde 1964.

2 WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*.

3 *Ibid.*, p. 11.

4 *Ibid.*, p. 56.

5 *Ibid.*, p. 67.

6 *Ibid.*, p. 39.

7 *Ibid.*, p. 14.

8 *Ibid.*, p. 30-33.

9 *Ibid.*, p. 18.

Transparece claramente na obra de Ian Watt um conflito, em nível literário, filosófico e social; entre concepções aristocráticas e burguesas. Por um lado temos uma visão que parece prestes a ser derrotada, relativa aos universais, ao genérico em detrimento do específico; por outro lado temos uma nova concepção de mundo, oriunda do desenvolvimento do capitalismo, da valorização da experiência individual e privada, do individualismo enquanto sede do conhecimento sensível, racional. Uma concepção, na literatura, é representada pelas formas clássicas, a outra pelo romance; ambas se opõem quase sempre de forma linear.

Sua análise para aqui. Não seria justo criticar o mérito da obra nesse sentido; o objeto que foi delimitado consiste especificamente no valor literário das obras estudadas, tomando-se para isso todo um contexto de época. Porém tal estudo me parece insuficiente para o historiador. Devemos fazer a História? Me agrada mais a segunda opção. Para a compreensão exata das obras faz-se necessária uma passagem a um contexto social e mental mais amplo.

Ao analisar o romance 'Clarissa' de Richardson, um ponto chamou a atenção de Watt¹⁰: a ênfase exagerada dada à morte da personagem-título. Quanto a isso comenta a forte presença do tema da morte na época: a existência de toda uma "literatura da morte"¹¹, bem como uma extrema ritualização dos cultos funerários puritanos¹². Porém, ao sondar o significado de tais cultos para os contemporâneos ele afirma que "tal ênfase se justificava por si mesma; e talvez só nos reste vê-la sob a mesma luz em que vemos boa parte da escultura barroca fúnebre – esquecer a banalidade de simbolismo e reter apenas o esmero da execução"¹³. Nesta perspectiva interpretativa, um tanto simplificada, creio que reside uma das principais falhas da obra de Ian Watt, pois ao se reter numa análise fortemente sociologizada, às "significações aparentes"¹⁴, foge por vezes à toda complexidade existente no interior das estruturas mentais que se acondicionam no social e lhe conferem sentido. A obra de Philippe Ariès¹⁵ nos demonstra muito bem como interpretar tal ênfase dada aos temas macabros na literatura do século XVIII.

10 *Ibid.*, p. 181-207.

11 *Ibid.*, p. 188-189.

12 *Ibid.*, p. 188-189.

13. *Ibid.* pp. 189-190.

14 GOULEMOT, Jean Marie. *As práticas literárias ou a publicidade do privado*. In: CHARTIER, Roger (Org.) *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*, p. 392.

15 ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, vol.II.

Para eleger seu objeto, Watt define as obras a seu ver estilisticamente boas, mais representativas do gênero; porém o historiador não pode proceder desta forma, segundo tais juízos de valor: – "Com raras exceções a ficção da segunda metade do século XVIII, embora possa ter algum interesse para o estudo da vida da época ou de várias tendências literárias efêmeras como o sentimentalismo ou o terror gótico, possui pouco mérito intrínseco"¹⁶. Ora; mesmo no estudo da Literatura em si, o 'sentimentalismo' e o 'terror gótico' tiveram desdobramentos importantes durante o século XIX e mesmo durante o século XX. Horace Walpole, o autor de 'O castelo de Otranto' – um clássico do gênero – afirma em seu prefácio à segunda edição de 1765, que pretende "combinar dois tipos de romance, o antigo e o moderno. Naquele tudo é imaginação e inverossímil; neste há sempre a pretensão, por vezes conseguida de copiar fielmente a natureza. Não há falta de imaginação; mas tem sido condenados os grandes recursos da fantasia, em favor de uma rigorosa obediência à vida quotidiana"¹⁷. Neste ponto Walpole polemiza claramente com a 'forma romance', com o "realismo formal"¹⁸ tal como foi conceituado por Watt.

Levando-se em conta que a primeira edição desta obra de Ian Watt data de 1957, não há porque exigir do autor procedimentos teórico-metodológicos que só posteriormente iriam se difundir¹⁹. Ademais, a própria abordagem do tema – levando-se em conta a época do estudo, e o caráter interdisciplinar da pesquisa, a forma como ela se desenvolveu: contestualizando os romances devidamente – me parece plenamente satisfatória.

Tal estudo afigura-se-me como um ponto de partida. A literatura é uma grande fonte para a compreensão das sensibilidades de uma época. Nela se reflete não só o que foi pensado e executado, mas também as frustrações dos projetos humanos. Além do real, porém parte constitutiva dele. Material ao mesmo tempo rico e prazeroso para o estudo da História.

16 WATT, Ian. *Op. cit.*, p. 252.

17 WALPOLE, Horace. Prefácio do autor à segunda edição. In WALPOLE, Horace, *O castelo de Otranto*, p. 23.

18 WATT, Ian, *op. cit.*, p. 30-33.

19 WATT, Ian. *The rise of the novel*. 1ª ed. 1957.

BIBLIOGRAFIA

- ARIES, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- GOULEMOT, Jean Marie. *As práticas literárias ou a publicidade do privado*. In. Roger CHARTIER (org.) *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo, Editora Schwarcz, 1986.
- WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo, Editora Schwarcz, 1990.
- WATT, Ian. *The rise of the novel: studies in Defoe, Richardson and Fielding*. London, Chatto & Windos, 1967. 1ª edição 1957.